

entrevista

Geraldo Alckmin:
o Brasil que exporta,
negocia e cresce

idades

Gavião Peixoto:
exemplo de gestão
municipal

oscar

"O Agente Secreto"
conquista 4 indicações
ao prêmio

AMANHÃ

Uma publicação do Grupo Gazeta Popular • Fevereiro/2026 • Ano 01 - nº 01 • R\$ 25, 00



André do Prado

O fiador político da
governabilidade
em São Paulo

Gazeta Popular.

KOCMOC
NEW FUTURE ENTERTAINMENT



Confiamos no
FUTURO
Confiamos em
 Você

Há 75 anos, a AACD acredita na força da sua doação para transformar vidas.



Estela,
paciente
da AACD

DOE PELO PIX
doeteleton@aacd.org.br
ou 11 94311 0144



Com a BIA do Bradesco,
sua doação vale **x2**



Amanhã. Uma revista. Sim, uma revista.

Num tempo em que tudo pisca, rola pela tela de celular e some antes de virar pensamento, lançar uma revista é um gesto que contraria a corrente.

Amanhã nasce desse contraponto: a aposta de que ainda existe leitor que quer mais do que velocidade, quer sentido, contexto, escrita, curadoria. Quer reconhecer o próprio tempo sem precisar engoli-lo em segundos antes da próxima notícia.

Mas afinal: uma revista de quê?

De vida real. E vida real não cabe numa editoria.

Amanhã é uma revista de cultura; porque cultura é o jeito como a gente sente o mundo.

É de política; porque política é o jeito como o mundo decide sobre a gente. É de economia; porque o bolso também é narrativa.

É de comportamento, de saúde, de meio ambiente, de gastronomia, de esporte, de educação, de negócios e, sim, de bastidores: aquilo que move as engrenagens quando as portas se fecham.

Generalista, sim. Genérica, jamais. Aqui, o compromisso é com a inteligência de quem lê.

Amanhã nasce com os pés no território e os olhos no horizonte. Sua primeira respiração acontece no interior paulista, com atenção especial ao Alto Tietê, mas sua ambição editorial é maior: falar de Brasil com sotaque próprio e relevância nacional. O local, aqui, não é limite: é ponto de partida.

E há um fundamento que sustenta tudo isso: história.

O Grupo Gazeta Popular carrega mais de quatro décadas de comunicação. Não é uma marca que surgiu ontem, nem um projeto que improvisa credibilidade. É uma trajetória construída com presença, responsabilidade e respeito pelo leitor, uma comunicação que atravessou mudanças tecnológicas, ciclos políticos e transformações culturais sem perder o essencial.

Essa história eu não inagurei: sucedi. Herdei do meu pai, Comendador Carlos Spada, que fez do jornalismo uma forma de servir ao território: registrar o que acontece, fiscalizar o poder, valorizar pessoas, formar memória. Em região nenhuma a imprensa é apenas notícia; ela é também identidade. E foi essa identidade — firme, cotidiana, humana — que ele construiu.

Assumir esse legado não é “ocupar um lugar”. É sustentar um compromisso.

Por isso, Amanhã não nasce como um voo solitário. Ela nasce em joint venture com a Kocmoc New Future, sob a égide editorial de Fabrício Correia, uma união que entende, desde a origem, que conteúdo hoje vive em ecossistema: impresso, digital, audiovisual, redes e eventos conversam, se alimentam, se expandem. Amanhã é papel e é presença. É leitura e é repercussão. É reportagem e é conversa pública.

O compromisso é claro: qualidade, curadoria e responsabilidade. Cada pauta desta edição foi pensada para informar, provocar reflexão e, quando necessário, oferecer beleza, porque beleza também é conhecimento. A elaboração da revista, da concepção à edição final, nasceu com rigor: texto, imagem, título, chamada, tudo precisa ter razão de existir.

E agora ela chega às suas mãos ou ao seu dispositivo, como um convite simples e exigente: leia com tempo. Concorde, discorde, critique, compartilhe, guarde. Revista nenhuma existe soginha. Ela depende do leitor que topa caminhar junto, não como público passivo, mas como parte viva do projeto.

Se a revista vai crescer?

Depende de nós e depende de você.

O mundo corre.

A gente escolheu compreender antes de passar.

Bem-vindo à Amanhã.

Douglas Spada
Diretor-Presidente



índice

04 André do Prado

O fiador político
da governabilidade em
São Paulo

08 Entrevista

O Brasil que exporta
negocia e cresce:
Geraldo Alckmin

12 Eduardo Braide

O campeão de aprovação
nas capitais: por que São Luís
virou vitrine de gestão no Brasil

14 Câmara

Um cientista no plenário:
Ricardo Galvão e a política
guiada por evidências

15 Senado

Efraim Filho no topo do Ranking:
como o senador paraibano virou
“Melhor do Brasil” em 2025



expediente

- Grupo Gazeta Popular
Diretor Presidente: Douglas Spada
- Kocmoc New Future Entertainment
CEO: Fabrício Correia

- **Jornalista Responsável:** Jácomo - MTB 36.03
- **Business Sucess:** Josy Spada
- **Projetos editoriais e eventos:** Lutero Jacob, Samuel Sadoc e Asaf Zadoque Correia
- **Colunistas:** Rodrigo Cabrera Gonzales, Danilo Magri e Luís Phylthton

andré do prado

O fiador político da governabilidade em São Paulo



Foto: Rodrigo Costa

Ele não é o homem da frase de efeito, é o que articula para o efeito ser favorável ao governo. No plenário, onde vaidades costumam pedir holofote, André do Prado (PL) prefere a engenharia invisível: a peça que faz a engrenagem girar sem ranger. O tipo de liderança que aparece menos em discursos e mais em resultados: pauta andando, votação acontecendo, acordo fechado antes de virar crise em plenário.

Desde que assumiu a presidência da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em 2023, ele se consolidou como o principal eixo de



Foto: Divulgação Facebook

sustentação do Executivo estadual no Legislativo, papel que ganha peso especial em governos que prometem velocidade administrativa e esbarram, inevitavelmente, na liturgia do Parlamento. A tarefa exige uma mistura rara: controle de ritmo, leitura de ambiente e um pragmatismo que não rompe pontes. Foi esse perfil que o levou à presidência com votação ampla e, mais tarde, à reeleição para conduzir a Casa até 2027.

A construção: do bairro ao Estado, do "varejo" à articulação

Nascido em 7 de junho de 1969, em Guararema, formado em direito pela Universidade de Mogi das Cruzes, André traz para a política um traço que não se aprende em gabinete: o senso de chão de terra batida. A biografia costuma destacar o começo cedo no trabalho e a passagem por funções cotidianas antes de alcançar a vida pública. Esse tipo de origem não é apenas detalhe decorativo: molda uma política de "entrega", acostumada a responder ao pedido direto, as demandas concretas que edificam.

Em 1992, convidado por Márcio Alvino, vence a primeira eleição para vereador com votação enxuta na idí-

lica Guararema e, de saída, aprende o ofício pelo caminho mais difícil: o do varejo, onde cada obra tem nome, endereço e cobrança diária. Na Câmara Municipal, chega à presidência e, depois, amplia seu raio como vice-prefeito e secretário municipal de Saúde. Mais tarde, como prefeito, consolida capital político com alta aprovação, um ciclo municipal que, em São Paulo, costuma funcionar como laboratório do que realmente vira política pública (ou não).

A virada estadual ocorre quando assume missão partidária no então PR (atual Partido Liberal): reorganizar base, costurar alianças, preparar candidatura. E dá certo a ponto de se tornar, em 2010, o único deputado eleito pela legenda naquele momento, iniciando uma trajetória de reeleições sucessivas até alcançar mais de 216 mil votos em 2022.

O posto-chave: presidir a Alesp é governar o "tempo" do Estado

Presidir a Alesp não é apenas "mandar na Casa". É governar o tempo político: o que entra na pauta, o que amadurece, o que precisa de mais conversa, o que não pode explodir em público. O presidente é, por natureza, um mediador e, em certos momentos, um amortecedor.

Em janeiro de 2024, por exemplo, André chegou a assumir interinamente o governo paulista, um gesto institucional previsto na linha sucessória que, na prática, funciona como símbolo de estatura política e centralidade no arranjo do poder.

No comando do Legislativo, ele reforça uma marca: diálogo e previsibilidade como método. Ao tomar posse como presidente (2023), o discurso institucional já apontava para respeito ao regimento, pluralidade e busca de convergência e palavras que, na política, só valem quando viram procedimento.

Como ele "auxilia" o governo de São Paulo

A força de André do Prado para auxiliar o Executivo não está em fazer propaganda do Palácio. Está em cumprir uma função que pouca gente descreve com clareza: organizar a base sem humilhar a oposição, dar caminho ao governo sem sufocar o Parlamento.



Na prática,
isso se traduz
em quatro
frentes:

1) Construção de maioria com baixo impacto negativo

Ao ser reconhecido como principal aliado do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), André opera o básico que sustenta qualquer gestão: base parlamentar coesa o suficiente para aprovar prioridades, mas administrada com tato para que divergências não virem motim.

2) Agenda andando: produtividade como argumento político

A Alesp encerrou 2025 com centenas de projetos aprovados e a própria Casa apresentou esse balanço como indicador de ritmo legislativo. Em 2025, a reeleição de André foi noticiada com ênfase em volume de votações e continuidade de comando, sugerindo que a “estabilidade” da Mesa virou ativo.

3) Ponte permanente com secretariado e governo

Há registros de movimentos do Executivo para melhorar relação com a Alesp e manter fluidez com deputados, algo que, quando funciona, evita que projetos virem reféns de mágoas e disputas laterais.

4) Partidarismo com pragmatismo

André é do PL e circula num campo político em que as relações nacionais pesam. A imprensa o descreve como próximo do presidente nacional do partido, Valdemar Costa Neto, e como peça relevante no tabuleiro paulista. Isso lhe dá musculatura e também responsabilidade: quanto mais influência, maior a cobrança por resultados “de Estado”, não apenas de legenda.

O perfil: agregador, municipalista, operador de bastidor

O traço mais repetido por aliados e observadores é o de agregador — alguém que conversa com diferentes campos e tenta reduzir atrito. Parte disso vem do municipalismo: a política feita em cidade pequena ensina

que briga longa custa caro, porque todo mundo se encontra na padaria. No Estado, a lógica muda, mas a lição fica: ninguém governa sozinho.

O subtexto de 2026: quando a presidência vira plataforma

Quando um presidente de Assembleia se torna indispensável para a governabilidade, a política começa a fazer uma pergunta inevitável: ele é apenas o maestro do plenário — ou um possível protagonista eleitoral? Em 2025, veículos nacionais noticiaram que André admitiu a possibilidade de concorrer, condicionando movimentos ao cenário e ao apoio do governador.

Aqui está a chave do “perfil”: André do Prado construiu sua força não como celebridade de rede social, mas como solucionador. E, na política paulista, solucionadores viram moeda rara em anos de decisão porque não entregam só discurso; entregam condições de governo.

Foto: Rodrigo Costa

Foto: Rodrigo Costa

O Brasil que exporta,
negocia e cresce:

Geraldo Alckmin

entrevista

No “Bom Dia, Ministro”, de 15 de janeiro de 2026, Geraldo Alckmin, vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), fez o movimento mais difícil e mais útil para uma entrevista de governo: pegou temas que normalmente ficam presos a gabinetes e os traduziu para o dia a dia como o acordo Mercosul-União Europeia, recordes de exportação, reforma tributária, renovação de frota, tarifas e tensões comerciais.



Foto: Rafa Neddermeyer / Agência Brasil

A “AMANHÃ” TRAZ A EDIÇÃO PARA O IMPRESSO DA ENTREVISTA, COM PERGUNTAS E RESPOSTAS COMPLETAS, PRESERVANDO O EIXO DO PROGRAMA.

1) Ministro, a União Europeia aprovou o acordo com o Mercosul. O que isso muda, de fato?

Geraldo Alckmin: “Muda muito. É um acordo entre blocos de dimensão inédita, com um mercado enorme, e isso significa comércio — e comércio exterior é emprego. Há setores que precisam exportar para ganhar escala, e esse acordo abre caminho para ampliar vendas, renda e investimentos.”

2) O senhor mencionou ‘multilateralismo’ no ar. Por que esse conceito virou tão central?

Alckmin: “Porque o mundo está vivendo instabilidade e protecionismo. Quando dois blocos desse tamanho avançam por diálogo e negociação, a mensagem é que é possível cooperar, fortalecer regras e ampliar o comércio. Isso não é só economia: aproxima culturas, aumenta circulação e cria confiança.”

3) E a cláusula ambiental: como o Brasil entra nessa conversa sem perder competitividade?

Alckmin: “Sustentabilidade hoje é parte do jogo. Reduzir emissões e cumprir compromissos ambientais é essencial — e o acordo valoriza isso. O Brasil tem responsabilidade com a Amazônia e com metas climáticas; o que queremos é desburocratizar, ampliar exportações e fazer isso com regras claras.”

4) O Brasil bateu recorde de exportação em 2025, mesmo com cenário adverso. Como explica?

Alckmin: “Não foi acaso. O Brasil fechou 2025 com US\$ 348,7 bilhões em exportações e recorde também na corrente de comércio. Isso aconteceu porque o país abriu e conquistou novos mercados, reduzindo dependência de um só destino e ganhando segurança.”

5) E como fazer a micro e pequena empresa entrar nessa agenda de exportação?

Alckmin: “Esse é um objetivo: tirar a exportação da mão de poucos. O governo criou o Acredita Exportação, com devolução de crédito tributário para micro e pequena empresa quando exporta — um estímulo direto para dar competitividade e aumentar presença lá fora.”

6) Reforma tributária: qual é o impacto dela especificamente para exportar mais?

Alckmin: “A exportação não paga imposto, mas o exportador paga tributo ao longo da cadeia — aço, vidro, pneu — e precisa receber crédito. Hoje isso demora e tira competitividade. A reforma desonera investimento e melhora a devolução desses créditos, o que fortalece exportação e investimento.”

7) Isenção do Imposto de Renda até R\$ 5 mil: por que o senhor chama isso de justiça tributária?

Alckmin: “Porque imposto de consumo pesa igual para quem ganha pouco e para quem ganha muito; já o Imposto de Renda tem que ser proporcional. E não fica só até R\$ 5 mil: quem ganha de R\$ 5 mil a R\$ 7.350 também reduz. A ideia é colocar mais dinheiro circulando sem criar rombo, compensando em faixas mais altas e estimulando a atividade econômica.”

8) Move Brasil: o que é e por que virou prioridade no programa?

Alckmin: “É renovação de frota de caminhões com eficiência, segurança e sustentabilidade, com financiamento mais barato. A lógica é melhorar a logística, ativar a indústria e reduzir poluição: caminhão novo polui muito menos que frota velha, e o programa financia com carência e prazo mais longo.”

9) Sobre o ‘tarifaço’ dos EUA: como estão as negociações e o que já avançou?

Alckmin: “O Brasil segue negociando para reduzir e excluir produtos. Houve queda gradual do percentual atingido e, nas últimas rodadas, saíram itens como café, carne e frutas; em anteriores já tinham saído outros produtos. A meta é ‘ganha-ganha’: reduzir alíquota e ampliar exceções.”

10) E a fala do presidente norte-americano sobre punir quem negocia com o Irã: isso afeta o Brasil?

Alckmin: “A relação comercial do Brasil com o Irã é pequena, então o impacto tende a ser limitado. Além disso, uma ‘super tarifaço’ seria difícil de aplicar porque atingiria dezenas de países, inclusive europeus; e, até o momento, não havia ordem executiva formal impondo sanção de fato, a expectativa é que não se aplique.”

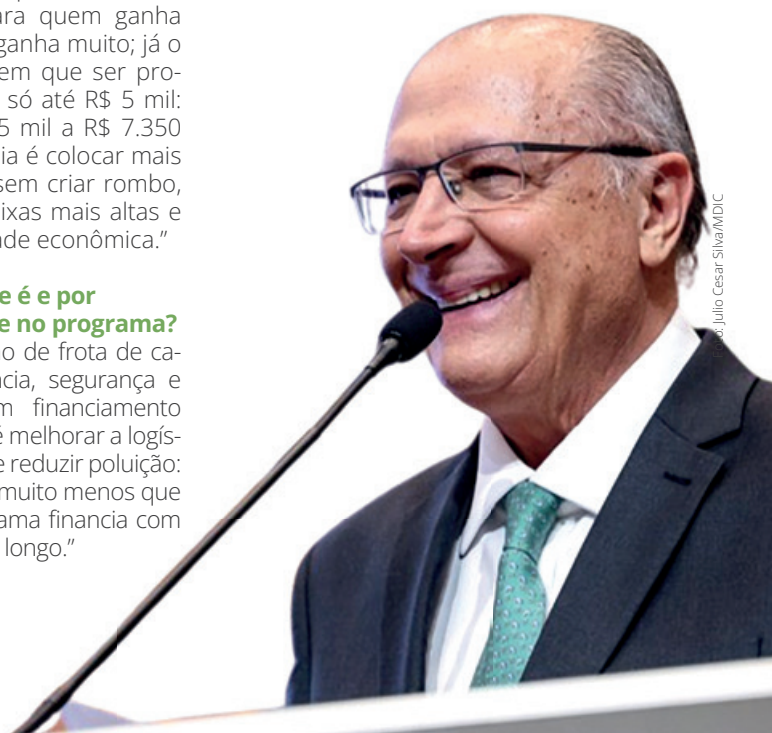


Foto: Julio Cesar Silva/MDIC

gavião **peixoto**

A cidade
brasileira onde a
vida dá certo



Foto: Fabiana Assis

Com menos de cinco mil habitantes, Gavião Peixoto, no interior de São Paulo, alcançou o 1º lugar no ranking do Índice de Progresso Social (IPS Brasil 2025) e voltou a ser tratada como uma espécie de “exceção brasileira”: um município peque-

no em que escola, saúde e serviços essenciais parecem operar sem o ruído permanente da improvisação.

O IPS mede qualidade de vida a partir de indicadores sociais e ambientais (não é ranking de “cidade rica”, mas de “cidade que entrega”): necessidades humanas básicas, fundamentos do bem-estar e oportunidades. Em 2025, Gavião Peixoto obteve 73,6 pontos (escala de 0 a 100) após análise de 57 indicadores comparados aos de 5.570 municípios.

O que faz esse resultado chamar atenção é o contraste: enquanto boa parte do país vive a rotina da fila; para vaga, para consulta, para encaminhamento, ali a narrativa recorrente é outra: planejamento compatível com o tamanho da cidade, fluxo de atendimento mais curto e resposta pública mais rápida. Isso não aparece como “milagre”, mas como consequência de um modelo administrativo que se manteve de pé.

Sem transformar a política em espetáculo, é impossível ignorar o fator continuidade. O município reelegeu o prefeito Adriano Marçal (PSD) nas eleições de 2024, o que preservou a mesma linha de gestão e reduz o “efeito recomeço” tão comum em prefeituras brasileiras: troca de prioridades, desmonte de rotinas, substituição de equipes e atrasos de agenda. Em cidades pequenas, onde qualquer falha vira assunto de esquina no mesmo dia, estabilidade administrativa costuma significar algo muito concreto: serviço público previsível e previsibilidade, no Brasil, é quase um item de luxo.

Na educação, o município aparece com alta taxa de matrícula na faixa de 6 a 14 anos, e a estrutura escolar foi

organizada para que o acesso não dependa de “dar sorte” nem de atravessar cidade vizinha. Na saúde, o desenho segue a lógica da atenção básica funcionando e do encaminhamento regional quando o procedimento exige estrutura maior, inclusive no caso dos partos, já que o município não tem maternidade própria.

A engrenagem econômica ajuda a explicar por que a cidade consegue sustentar padrões. Desde o início dos anos 2000, a presença de operações ligadas à Embraer no município projetou Gavião Peixoto para além do mapa local, com impacto sobre empregos, renda e arrecadação, ao mesmo tempo em que o município mantém base agrícola (cana e laranja) típica do interior paulista. O resultado é uma combinação rara: musculatura econômica sem explosão populacional desordenada e isso facilita que políticas públicas acompanhem a realidade em vez de correr atrás dela.

No fim, Gavião Peixoto tornou-se “a melhor cidade para viver” menos por uma peça publicitária e mais por uma frase que, ali, parece ser prática de gestão: **fazer o básico funcionar todos os dias. E, quando o básico funciona, todo o resto muda de patamar, inclusive a forma como o Brasil olha para uma cidade pequena e pensa: “era para ser normal”.**



Foto: Divulgação Embraer



Foto: Divulgação Facebook



EDUARDO BRAIDE

O campeão de aprovação nas capitais: por que São Luís virou vitrine de gestão no Brasil

O dado veio do tipo de pesquisa que costuma provocar briga de torcida — mas, desta vez, virou um ponto de convergência: Eduardo Braide, de São Luís, apareceu como o prefeito de capital mais aprovado do Brasil, segundo levantamento da AtlasIntel realizado entre 6 de outubro e 5 de dezembro de 2025, com 82.781 entrevistas em todas as capitais.

É um número grande demais para ser lido só como vaidade. Aprovação, em capital, é sempre uma disputa diária com a realidade: buraco, ônibus, posto de saúde, chuva, segurança, fila, cobrança. Quando a régua passa de 80%, o que está em jogo não é apenas “gostar do prefeito”, mas a sensação de que a cidade, apesar das dificuldades, tem comando, ritmo e resposta. E foi isso que o ranking publicado pela pesquisa expôs ao colocar São Luís no topo. Braide entra em 2026 com esse carimbo porque há uma peça central nesse quebra-cabeça: continuidade. Ele foi reeleito em 2024 no primeiro turno, com mais de 70% dos votos válidos, numa vitória tão larga que, na prática, preservou o mesmo rumo administrativo e reduziu o “efeito reinício” comum em governos locais. Em cidade grande, essa estabilidade vira ativo: projetos não ficam à mercê de troca de comando; secretarias não vivem de apagar incêndio sem calendário; a máquina pública aprende a funcionar sem recomeçar do zero a cada novo ciclo.

QUEM É EDUARDO BRAIDE E POR QUE O PERFIL DELE AJUDA A EXPLICAR O RESULTADO

Braide é advogado, natural de São Luís, e construiu carreira política antes do Executivo: foi deputado estadual no Maranhão e depois deputado federal, tendo renunciado ao mandato para assumir a prefeitura em 2021. Esse caminho importa porque molda um estilo. Ele chega à gestão com a lógica de quem passou anos no terreno da fiscalização, do embate legislativo e do “como isso se sustenta no orçamento e na regra”. Soma-se a isso a reeleição robusta de 2024, que lhe deu capital político para atravessar 2026 com menos vulnerabilidade a crises episódicas e mais condição de conduzir agenda própria.



Foto: Douglas Junior/MTur

Um cientista no plenário: **Ricardo Galvão** e a política guiada por evidências **deputado**

Aos 78 anos, Ricardo Galvão levou para a Câmara dos Deputados do Brasil a lógica que sempre orientou sua trajetória científica: decisão pública precisa de base técnica. Ex-diretor do Inpe e ex-presidente do CNPq, ele assumiu mandato pela Rede com foco em ciência, tecnologia e meio ambiente.

Para Galvão, conciliar desenvolvimento e sustentabilidade é “assunto difícil” no mundo todo. O debate sobre a exploração de petróleo na Margem Equatorial, na Foz do Amazonas, exemplifica o impasse. Ele avalia que a discussão avançou mais politicamente do que cientificamente. “A profundidade dos estudos ainda não é satisfatória”, afirma, defendendo análises ambientais mais robustas antes de decisões definitivas.

O físico reconhece que combustíveis fósseis ainda têm papel na transição energética, mas alerta para o simbolismo de expandir a fronteira petrolífera enquanto o país busca liderança climática. Para ele, o Brasil deveria priorizar infraestrutura para aproveitar melhor seu potencial em energia renovável.

O embate com o governo Jair Bolsonaro, que o exonerou do Inpe em 2019 após críticas a dados sobre desmatamento, marcou sua visão sobre o negacionismo. Hoje, vê melhora no diálogo entre governo e comunidade científica, embora ressalte que o orçamento da área ainda é insuficiente.

No Congresso, seu mandato curto tem metas objetivas. Ele apresentou projeto para isentar do Imposto de Renda prêmios científicos recebidos por pesquisadores brasileiros e trabalha em ajustes no marco legal que define instituições aptas a receber recursos públicos para pesquisa.

Galvão integra o grupo “Cientistas Engajados” e defende a criação de uma frente parlamentar de cientistas. “Espero ser o primeiro de muitos”, resume. Seu objetivo é simples e ambicioso: aproximar a ciência das decisões que moldam o futuro do país.



Foto: Sesi Ribeiro/Câmara dos Deputados

Efraim Filho no topo do Ranking: como o senador paraibano virou “Melhor do Brasil” em 2025



Foto: Divulgação

senador

Em Brasília, no dia 10 de dezembro de 2025, o senador Efraim Filho, líder do União Brasil, no Senado e um dos nomes de maior circulação na pauta econômica recebeu o Prêmio Excelência Parlamentar como “Melhor Senador do Brasil” no Ranking dos Políticos, iniciativa da sociedade civil que diz avaliar desempenho por critérios técnicos, como presença em sessões, participação em votações, combate ao desperdício e histórico judicial.

O troféu importa menos como fotografia e mais como sinal político: ele cola em Efraim um atributo valioso numa era de fluidez da representa-

ção política, resiliência e seriedade. A própria plataforma, aliás, mudou o formato da premiação em 2025: em vez de escolher o “melhor do Congresso”, passou a separar Câmara e Senado, destacando um vencedor em cada Casa. Isso deu ao senador uma vitória mais direta, menos diluída.

Efraim tem usado esse reconhecimento para reforçar a narrativa do mandato como prestação de contas. Ao agradecer, falou em honra e responsabilidade, dedicou o prêmio à Paraíba e insistiu na imagem de “ficha limpa” e trabalho contínuo, linguagem que, em política, é sempre projeto de futuro. No Senado, o cargo de lideran-

ça partidária e a presidência de uma frente ligada ao comércio e serviços também o colocam em áreas onde o debate toca a vida real: emprego, ambiente de negócios, segurança jurídica e desenvolvimento.

O Ranking afirma que não é voto de internet nem concurso de popularidade. Esse detalhe é justamente o que interessa ao senador: transformar reputação em argumento, e argumento em capital político. O prêmio não encerra discussões, rankings sempre carregam método e contestação, mas entrega a Efraim um selo que, no plenário, vale como credencial: a de quem quer ser medido por desempenho.



LUÍS
PHYTTTHON

Secos & Molhados

O luxo de desaparecer

Querido leitor;

Um movimento silencioso e bastante elegante está acontecendo no país do “poste antes que acabe”: gente interessante voltou a sumir. Não por falta de vida social, mas por cansaço da vitrine permanente. O novo status, pasme, é não estar nas redes.

Isso não é nostalgia. É etiqueta. Durante anos, o jornalismo social foi confundido com frivolidade, quando na verdade sempre foi leitura de bastidor: quem circula, se afasta, sobe, quem perde o compasso. Os grandes cronistas sabiam que o essencial não estava no flash, mas no gesto fora da foto. Eram cronistas de atmosfera, não fotógrafos de egos.

Hoje, o que chamam de “coluna” no digital muitas vezes é só autopromoção com filtro.

A antiga coluna registrava memória; o feed produz esquecimento. A superexposição matou o mistério e sem mistério não há charme.

A alta sociedade, que sempre viveu de códigos, reaprendeu o principal: discrição. Jantares menores, conversas sem postagem, convites feitos no privado. Não é segredo por esnobismo, é proteção contra o tribunal instantâneo das redes, onde todo encontro vira julgamento moral.

E aqui mora a diferença: rede social é vitrine; coluna é narração. Vitrine brilha e passa. Narração contextualiza e fica. O jornalismo de verdade não precisa de curtidas; precisa de credibilidade. É o que proponho neste reencontro com uma revista nacional.

Os mais inteligentes já entenderam: o novo luxo não é viajar, é viajar sem postar. O novo poder não é ter seguidores é ter acesso. E acesso, convenhamos, nunca foi público.





Firenze

Costanza Pascolato em clima natalino pelas ruas de Firenze, cercada de luzes e com aquele friozinho perfeito. Casaco poderoso, óculos discretos e a mesma assinatura de sempre: elegância sem esforço, só presença.

Brilho próprio



A dermatologista **Elina Ribeiro**, de Taubaté, aproveitando dias parisienses diante da icônica Torre Eiffel. Entre ciência, saúde e viagens bem escolhidas, mostra que uma boa pele combina com cuidar da alma.

FEBRACOS



Elegância

Liège Monteiro é daquelas presenças que não apenas circulam, articulam. Empresária de eventos, estrategista de imagem e ponte viva entre marcas e pessoas, ela transforma encontros em acontecimentos e bastidores em vitrine de prestígio. Com olhar afiado para reputação e timing perfeito para o networking de alto nível, Liège construiu uma trajetória sólida no universo social e corporativo. Sua atuação como embaixadora do turismo do Rio reforça outro talento seu: soprar experiências com charme, credibilidade e elegância.



Ovadia Saadia, nome histórico do colunismo e das relações públicas, reassume o centro da cena em 2026 com novos projetos da FEBRACOS. Na foto ao lado da musa **Vera Fischer**, em registro que resume bem o momento, prestígio, articulação e glamour.



Fotos: Divulgação

Miami

Entre o pôr do sol à beira d'água e o skyline iluminado, **Mônica Monteiro Porto** vive dias de inspiração em Miami. Look elegante, atitude leve e aquele lifestyle que mistura moda, viagem e personalidade, tudo com a assinatura de quem sabe transformar destino em cenário.



Alto nível

A professora, gestora pública e liderança municipalista **Ana Karin Andrade** foi recebida pelo ex-presidente **José Sarney** em um encontro que uniu política, diplomacia e relações institucionais, em São Luís, MA. Na conversa, pautas nacionais e o fortalecimento das políticas públicas para mulheres, além do convite para o prefácio de seu próximo livro. Refinamento no tom, firmeza nas ideias.

CAETANO & BETHÂNIA

**Dois irmãos,
um Grammy:**
quando o Brasil
não precisa se
explicar

O disco tem nome de seta e de abraço: CAE - BTH - Caetano e Bethânia ao vivo. E foi justamente esse registro ao vivo, sem concessões, que levou Caetano Veloso e Maria Bethânia ao topo do Grammy Awards, com a vitória em Melhor Álbum de Música Global.

Venceu um jeito de cantar que não pede licença para ser complexo. A MPB, quando está no seu melhor, é isso: uma espécie de literatura que respira, uma crônica íntima que vira refrão, um país inteiro condensado em timbre, pausa e palavra. E, por muito tempo, o mundo só aceitava essa grandeza se ela viesse empacotada em rótulos convenientes. Agora, não: agora o reconhecimento chega sem redução.

E tem o detalhe que muda tudo: são dois irmãos. Irmãos não se encontram no palco como quem fecha contrato. Eles se esbarram com história. Há uma eletricidade ali que nenhum arranjo compra. Caetano canta como quem raciocina cantando um pensamento que ganha melodia. Bethânia canta como quem encarna a língua transforma verso em presença. Eles não se misturam: se respondem. E a beleza do disco mora justamente nessa conversa: um não apaga o outro; cada um aumenta o outro.

Para Caetano, o Grammy se soma a uma trajetória que já tinha sido reconhecida antes. Para Bethânia, tem sabor de página virada com força: a consagração internacional chega sem que ela precise se tornar outra pessoa, sem que a voz precise "viajar" para caber. Ela ganhou sendo exatamente quem sempre foi.



Foto: Roncca / Divulgação



No fim, a estatueta é o objeto. O acontecimento é outro: por uma noite, o mundo escutou o Brasil sem pedir que trocássemos de roupa.



Foto: Divulgação

“O Agente Secreto”
conquista
4 indicações

OSCAR

O cinema brasileiro ganhou, em 22 de janeiro de 2026, um daqueles raros dias em que a notícia torna-se reposicionamento. “O Agente Secreto”, dirigido por Kleber Mendonça Filho, apareceu na lista do Oscar com quatro indicações: Melhor Filme, Melhor Filme Internacional, Melhor Ator e Melhor Seleção de Elenco. É um pacote que muda o enquadramento: não é apenas o Brasil “representado” lá fora é o Brasil disputando o centro do jogo, onde a indústria costuma definir o que vira conversa global.

O marco mais radiante das indicações tem nome e rosto: Wagner Moura, indicado a Melhor Ator. A nomeação coloca um intérprete brasileiro numa categoria em que, historicamente, poucas cinematografias não anglófonas conseguem entrar com força.

O filme volta a um Brasil de 1977, em plena ditadura militar. Marcelo, um especialista em tecnologia, retorna ao Recife tentando escapar de um passado opaco e encontra um cotidiano atravessado por vigilância, paranoia e tensão. O detalhe decisivo é que o longa não trata o período como peça de museu: trata como atmosfera. E atmosferas, quando bem construídas, atravessam fronteiras sem pedir tradução.

O desempenho do longa também teve peso doméstico: ultrapassou 1 milhão de espectadores no circuito nacional e contou com investimento do Fundo Setorial do Audiovisual, lembrando que política pública quando funciona, não vira só discurso; mas obras circulando, público pagando ingresso, cadeia produtiva respirando.

A mesma lista do Oscar ainda trouxe outro nome brasileiro: o diretor de fotografia Adolpho Veloso foi indicado por “Sonhos de Trem”. Somadas, as indicações desenharam um quadro raro: o Brasil não aparece como exceção eventual, mas como presença consistente. O resultado final ainda virá, mas a imagem já está registrada: o cinema brasileiro voltou a ocupar, com força e método, o centro da conversa mundial.

álbum

O Mar é Mulher, de Joyce Moreno

Lançado em dezembro de 2025, “O Mar é Mulher” reafirma Joyce Moreno como uma das vozes mais elegantes e conscientes da música brasileira. O disco nasce de uma ideia simples e poderosa: reconhecer o mar e as águas como força feminina, simbólica e criadora. A partir dessa imagem, o álbum se desdobra em canções que celebram autonomia, afeto, memória e maturidade artística. Metade do repertório é de autoria solo; a outra metade traz encontros preciosos. Há delicadeza e história em “Um abraço do João”, dividida com Jards Macalé, e lirismo em “Novelo”, com Paulo Cesar Pinheiro. “Imperador” une gerações ao lado de João Donato e Donatinho, enquanto “Desarmonia”, parceria com Zé Renato, aposta na simplicidade do violão para revelar sua força. “O Mar é Mulher” não levanta a voz: ele envolve, como a maré, e deixa sua marca com elegância e profundidade.



livro

O último Van Gogh, de Edney Silvestre

Em “O último Van Gogh”, Edney Silvestre costura arte, crime e destino num suspense que atravessa épocas sem perder a pulsação humana. De um lado, o fim do século XIX acompanha Vincent van Gogh na sua batalha mais íntima contra a rejeição à pintura que ninguém entendia, a pobreza que o esmagava e os fantasmas que o empurravam para o desfecho em Auvers-sur-Oise. Do outro, o Rio de Janeiro de 2024 apresenta Igor Brown, jovem que sobrevive entre trabalhos sexuais, relações rápidas e uma fachada de tradutor de Libras, até ser tragado por um golpe grande demais: o roubo de um quadro perdido de Van Gogh, obra tida como destruída na Segunda Guerra. A pintura, escondida num apartamento de luxo no Leblon, vira senha para um labirinto de conspirações, perseguições e escolhas de vida ou morte. O romance acelera com ritmo de thriller, mas deixa espaço para a escrita respirar: há desejo, ambição e invisibilidade social em cada curva, como se a cidade também tivesse suas sombras e suas telas.



cinema

Song Sung Blue: Um Sonho a Dois, de Craig Brewer

Baseado no documentário de 2008, “Song Sung Blue: Um Sonho a Dois” transforma a trajetória real de um casal comum em um drama musical sobre recomeços. A

trama acompanha Mike e Claire Sardina, que decidem sair da rotina difícil para montar uma banda tributo a Neil Diamond. O que começa como tentativa de sobrevivência artística vira também um caminho de reconexão amorosa e autoestima. No longa, Hugh Jackman e Kate Hudson dão vida ao casal com química leve e emotiva. Jackman, inclusive, assume os vocais nas apresentações, reforçando o tom autêntico da produção. A narrativa aposta menos em grandiosidade e mais na intimidade dos personagens, suas frustrações, fragilidades e a coragem de tentar de novo quando a vida parece ter encolhido.

A criação da banda Lightning & Thunder vira o eixo da história: não apenas um projeto musical, mas um gesto de resistência afetiva. Entre ensaios, palcos modestos e plateias calorosas, o filme celebra a música como ponte entre pessoas e como ferramenta de cura. O longa se apoia numa mensagem simples e poderosa: sonhos não têm prazo de validade, às vezes, eles só precisam de um refrão conhecido para voltar a pulsar. Indicado ao Oscar de Melhor Atriz: Kate Hudson.



Noronha

o destino mais desejado do Brasil.

Quer viver
as **maiores**
experiências
da sua vida
em **Fernando**
de Noronha?

Acesse:



Atalaia
NORONHA
desde 1992





Kassab mexe no tabuleiro: a sucessão de Lula entre a herança bolsonarista e a “terceira via” que quer virar poder

bastidores

O Brasil entrou em 2026 como quem chega cedo demais a uma estação: ainda dá tempo de escolher o destino, mas os trens já estão anunciados no alto-falante. De um lado, Lula, com o instinto de sobrevivência política de quem atravessou regimes, prisões, ressurgimentos, começa o ano liderando cenários de primeiro turno nas pesquisas e sustentando uma vantagem que, embora real, não é confortável o bastante para dispensar cálculo. De outro, o bolsonarismo, sem seu fundador na urna, opera como dinastia em construção: Flávio Bolsonaro aparece como herdeiro funcional do campo e já surge competitivo contra Lula em levantamentos recentes.

No meio, onde o país costuma fingir que não existe política, mas onde a política de fato se decide, Gilberto Kassab fez o movimento que importa: tirou o PSD da posição de “partido que administra” e empurrou a sigla para a posição de “partido que escolhe”. A filiação do governador Ronaldo Caiado ao PSD, somada à prateleira já exibida com Ratinho Júnior e Eduardo Leite, não é apenas diversificação de nomes: é um recado de método. Kassab está montando alternativa à polarização com a frieza de quem não disputa narrativa, mas quer a alavanca.

O que esse movimento significa “em cima” de Flávio Bolsonaro? Significa que o bolsonarismo pode ter um candidato, mas não necessariamente terá o monopólio da direita útil. Flá-

vio começa 2026 com a vantagem de concentrar transferência automática de identidade, o eleitor que vota no sobrenome antes de votar no programa. Só que Kassab trabalha outra matéria-prima: governadores com máquina, rede local, entrega administrativa e vocabulário moderado o suficiente para conversar com mercado, centro e fatias cansadas do conflito permanente. É uma concorrência por um tipo específico de eleitor: aquele que rejeita Lula, mas não quer viver em guerra civil emocional.

E “em cima” de Lula? Significa pressão por dois flancos. Primeiro, porque a simples hipótese de uma terceira via com musculatura estadual mexe no ambiente de alianças e aliados, no presidencialismo brasileiro, não são detalhe: são sustentação. Segundo, porque Kassab oferece ao país uma mercadoria política que Lula sempre soube comprar e vender: previsibilidade. Quando um partido se apresenta como “modelo de Brasil”, ele está dizendo que quer ser mais do que acessório de governo quer ser coautor do roteiro.

O ponto mais interessante é que Kassab não parece estar apostando apenas em vencer. Parece estar apostando em valer. A leitura de bastidor descrita por analistas é a de um projeto que turbinha bancadas, amplia poder de barganha e mantém o PSD apto a negociar tanto com o polo lulista quanto com a direita, com um objetivo que pode extrapolar 2026 e mirar 2030.

Por isso, a pergunta central da sucessão de Lula talvez não seja “quem lidera hoje?”, mas “quem controla o

caminho até outubro?”. Lula larga na frente, mas enfrenta a fadiga do tempo e a exigência de entregar governabilidade. Flávio aparece como síntese possível de um campo que ainda tem base social e disciplina identitária. E Kassab faz o que faz Kassab: cria uma terceira porta para obrigar os dois primeiros a negociarem com o corredor.

No fim, o movimento dele é menos sobre um nome e mais sobre um verbo: despolarizar para mandar. Se vai dar certo, o eleitor dirá. Mas a arquitetura já está montada e ela muda o desenho da sucessão, porque transforma 2026 numa disputa não apenas de candidatos, mas de formatos de poder.



Foto: Pedro França/Agência Senado

Educação Infantil | Ensino Fundamental | Ensino Médio

Ensino de qualidade com os valores que seu filho merece!



99433.7177



4748.6565



/colegiounisuz

www.colegiounisuz.com.br

COLÉGIO
UNISUZ
TRADIÇÃO E INOVAÇÃO





SBT **VALE**
CRESCER

24 %

EM
AUDIÊNCIA

E CONSAGRA A VICE-LIDERANÇA!

54%
MAIS AUDIÊNCIA
que a 3ª colocada!



VICE-LIDERANÇA